

PÓS-MODERNIDADE: RUPTURA OU CONTINUAÇÃO DO PENSAMENTO

Autor: Ezequiel Esperado Artur

ezequielesperadoarur@gmail.com.mz

Resumo

A preocupação sobre o saber sempre esteve nos homens, isto fez com que este tivesse uma incansável caminhada a procura deste. O homem destruiu e reconstruiu paradigmas que o orientavam na procura desta verdade fazendo com que este processo fosse contínuo na história da evolução da humanidade. Na fase Moderna a verdade deu-se como algo metafísico, isto aconteceu também nas fases anteriores mas o homem tendo a insatisfação como uma das principais características fundamentais, com o decorrer do tempo questionou estes pressupostos metafísicos, e não tendo respostas sólidas fez com que ele não acreditasse nessas realidades e como ao longo de toda a sua existência acreditava nela, ele vê-se num vazio, no niilismo, na descrença, na incerteza. Daqui uma nova era começa, a pós-modernidade, era esta que exige a o banimento de tudo aquilo que o homem teria construído que ate inclui a mudança dos princípios morais, e a viver novas realidades não se alienando também a nenhum princípio que possa ter uma crença absoluta, como acontecia antes. O homem se "desamarra" de todos os princípios que o limitavam a priori, há uma liberdade de si mesmo pois possui a capacidade de autodomínio, a responsabilidade de si. Uma das características da era pós-moderna é a descrença, a desconfiança, a substituição da ética pela estética e a não existência de um paradigma.

Palavras-chave: *Homem, incerteza, Nihilismo, pós-modernidade.*

Introdução

Os filósofos sempre tiveram preocupações para dar resposta a aquilo que em cada fase foi considerado como uma questão Universal, ou por outra, o que era de interesse de todos homens saberem, foi assim que a historia da humanidade foi sendo construída em diversas épocas, cada época ou fase histórica tem uma preocupação ou questão por responder respeitando os paradigmas deste mesmo tempo, o paradigma foi sendo visto ao longo do tempo como o principio, ou a lei mãe em que toda a investigação seja ela científica, filosófica ou de um outro carácter tinha que seguir. Esta realidade processual da história humana foi se fazendo presente desde os primeiros tempos. Com a saída da era Media entramos na Moderna que retorna o estudo racional da era antiga (Renascimento), esta foi a fase da invenção, inovação e industrialização e das grandes teorias que se preocupavam com a origem do conhecimento como o Racionalismo, o Empirismo, o Intelectualismo e dos filósofos como Descartes, Spinoza, Hobbes, Hegel, Max, fase esta que o seu término coincide com o surgimento do filósofo Niechzsche que as suas obras influenciaram bastante na viragem das concepções dos filósofos pós-modernos. A fase pós-moderna entra como sendo aquela que contraria todas as concepções filosóficas, éticas, todos os princípios universais e que desvaloriza todos os meta discursos antes ditos.

Niilismo

Sendo homem o único ate então que procura dar sentido a sua vida, conscientemente tendo o tempo como um dos factores que influenciam no modo deste dar a si o sentido da sua existência, os acontecimentos deste tempo têm um grande impacto na procura de resoluções ou mesmo no modo de reflexão de si mesmo, ou seja do seu *eu*.

A evidência que emerge da própria experiência humana, é o reconhecimento que esse *eu* não é apenas consciente enquanto vivente, mas que é vivente enquanto consciente. É dessa condição que se abre a perspectiva de confronto com o tempo no qual vivemos historicamente e que se situa o que podemos chamar de época do niilismo (OLIVEIRA, s/d, p.59).

O Niilismo surge no tempo e com o tempo, seria difícil definir o tempo para melhor percebermos o que se pretende dizer, mas num contexto facilitador de percepção teremos um olhar do tempo como sendo a reflexão dos acontecimentos, factos, novas realidades, condições essas que facilmente nos induzem ao raciocínio, a análise e a comparação do passado e do actual. Geralmente quando pretendemos reflectir o passado assim como o actual, dificilmente recorremos à definição do tempo ou na demonstração do tempo em si, pois não é algo palpável ou visível, tendo esta limitação de como demonstrarmos o tempo somos obrigados a recorrer nos acontecimentos, aos factos, as recordações dos actos que a partir dos quais diferenciamos do tempo em queremos comparar, seja ele actual ou passado.

Com o passar do tempo, novas propostas gnosiológicas, religiosas, politicas sociais e culturais foram surgindo, remodelações teóricas, mudanças de paradigmas e os valores foram sendo realizadas ou substituídos e a profundidade do estudo da metafísica também. Isto fez com que houvesse possibilidades de questionamento dos factos metafísicos, metafísica esta vista como sendo a possibilidade de se acreditar em algo que ate então não visto ou realizado. Ou seja, partindo da metafísica como o estudo do ser em quanto ser, o princípio de todas as coisas, as diferentes respostas dadas acerca deste princípio de tudo ou de todas as coisas passaram a ser questionadas. Daqui as primeiras evidências do surgimento do niilismo, ressaltar que optamos em evidenciar e não declarar o surgimento pois o niilismo parte do pensamento e este não pode ser determinado ou limitado, pois pode ter surgido antes do tempo dito em algum lugar ou alguém e não sabermos da sua existência. A exemplo disto podemos ver a atribuição da paternidade da Historia a Heródoto, que só depois se descobriu que antes dele o árabe Khaldun já teria dado uma concepção científica de historia, ao descreve-la como um movimento cíclico.

O niilismo nasce como um fenómeno patológico na Rússia e na Alemanha entre 1830 e 1840, decorrente da situação cultural e sociocultural assinalada pela recusa da tradição – tradição cristã em particular – e pelo “ideal” de um novo tipo de herói, o qual busca a verdade de si numa auto-afirmação titânica, segundo um ideal “cientificamente” planificado (OLIVEIRA, s/d, p.59).

Claramente podemos notar a partir desta citação que duma ou doutra forma, esta corrente teve como princípio a negação de algo que até então era dito como verdade, ou seja, a tradição cristã ditava os princípios o que deveria ser feito era apenas a colaboração seguindo os tais princípios sem a liberdade de os questionar, colocar ou demonstrar alguma atitude reflectiva acerca dos tais, assim como na ideia do “ideal”, que é algo idealizado com isto também metafísico que não poderia ser contestado. A única via para se “desamarrar das cordas” aqui expostas na procura da verdade acima daquilo que era dito como verdade foi a ênfase da liberdade, pois só a partir dela poderia ser questionado este princípio e mediante a ciência chegar-se a verdade em si.

A atitude de questionamento nos princípios não teve o término depois de se encontrar a verdade no contexto científico, isto por que uma vez reprovada algo dito como verdade, o que será dito como verdade a posteriori pode não ser, e em algum tempo surgir a outra assim com as outras, daí o “cepticismo eterno”, pois o homem nunca acreditava em encontrar o que procura, neste caso a verdade.

Como resultado, tem-se o cepticismo da ciência que em última instância da sua metodologia, tudo sempre é falso, inclusive o que se reconhece (mesmo provisoriamente) como verdade. Na ciência tudo é sempre refutável. O problema que surge, é que o cepticismo obscurece o que Nietzsche chama de “vontade de verdade”, porque o objectivo da ciência é encontrar a verdade sobre todas as coisas, estabelecida e universalizada por ela mesma (OLIVEIRA, s/d, p.60).

Até então podemos concluir que a história do homem foi feita numa inalcançável caminhada na procura da verdade. Mas como encontrar a verdade se tudo o que o homem fez até então na procura dela o levou ao vazio, a descrença, ou por outra, a verdade que tanto o homem se esforçou para alcançá-la nunca chegou a esse desejo. Reflectindo sobre isto será que a procura da “bendita verdade” não fez com que o homem enfraquecesse a sua razão? Será a razão capaz de nos levar a verdade? Se não, que potencialidade o homem usará para satisfazer este desejo incansável? Não pretendemos discutir todas estas questões neste trabalho, mais sim

algumas e reflectir sobre as outras. A respeito da primeira questão veremos o que Oliveira nos diz.

Nietzsche pretende nos fazer ver que o mundo supra-sensível em geral, que dava à existência do homem um sentido e uma razão, caiu em descrédito, por perder a sua eficácia e a sua função de ancoragem. O homem não sabe mais no que agarrar-se, não possui mais um condutor e nem motivação. É uma extrema experiência de descrença, em que o homem é um ser errante que caminha no meio da escuridão. Vaga à deriva, pois todas as suas referências foram abaixo (s/d, p.63).

Com essa descrença de pressupostos Metafísicos Nietzsche afirma que será daqui onde haverá a possibilidade do surgimento do super-homem e as suas acções devem ter em vista ou se abrir para o tempo e o devir, este devir que será condicionado pelo próprio homem. Podemos perceber aqui que o homem não poderá esperar algo que não seja ele o produtor, não há outra força que o ajudara a atingir a felicidade ou a verdade que não seja dele próprio.

Niilismo e pós-modernismo

Para melhor conseguirmos compreender o impacto do niilismo na transição da era moderna para a pós-moderna, a priori seremos obrigados a perceber o que vários autores dizem acerca da era pós-moderna, isto é, precisamos saber em traços gerais quais são as características essenciais desta época que o distinguem das outras. Razão pela qual sugere-se algumas definições acerca desta era, ou seja o que se compreende quando se fala da era pós-moderna.

A pós-modernidade surgiu com a destruição de princípios, conceitos e sistemas construídos na modernidade, desfazendo todas as amarras da rigidez que foi imposta no Homem moderna, com isto os três valores supremos, o fim, representado por Deus, a unidade simbolizada pelo conhecimento científico e a verdade como os conceitos universais e eternos, já estudados por Nietzsche no fim do sec. XIX, entraram em decadência acelerada na pós-modernidade (MORAES, 2004: 7).

Mediante esta definição, não precisamos de ter uma reflexão muito profunda para ter em mente que quando se fala da era pós-moderna, refere-se a uma mudança total das concepções dadas da realidade de um tempo atrás, podemos denotar isto nos termos como: destruição, desfazer, decadência, neste aspecto das amarras expostas ao homem moderno.

Outra visão filosófica dada a era pós-moderna pode se notar através da concepção de um dos filósofos pós-modernos que diz o seguinte: *A era Pós-moderna é a era das possibilidades de mudanças e reconfigurações contínuas dos padrões de conduta, modelos de comportamento e*

*estilos a serem seguidos pelo mesmo indivíduo, variando conforme a ocasião, a escolha, ou o constrangimento social; e a ausência de raízes e de fundamentos últimos, tanto para a legitimação de práticas como de valores, registando-se o declínio das grandes narrativas modernas e das características moras ou éticas que as sustentavam anteriormente.*¹

Nesta concepção ideológica, vimos uma outra perspectiva semelhante a primeira definição da era pós-moderna, a ênfase de liberdade dada ao indivíduo, é um tempo em que abrem-se as possibilidades para as mudanças dos padrões de conduta, possibilidades estas que até então não existiam, em suma notasse nesta era a decadência de valores que fundamentam uma sociedade e a condição para a mudança.

Segundo TAFURI (2010, p.5), a era pós-moderna pode ser dita como a “era pós-industrial”, “pós-capitalista”, “pós-sujeito”; enfim, são diversos os modos que temos para abordar o período que, como afirmamos, engloba especialmente os últimos cinquenta anos.

Dando uma análise das definições da era moderna acima vistas, podemos inferir que a era pós-moderna é a da decadência, queda ou corrupção dos princípios universais da era moderna, é a era da insegurança, interesse superficial, falta de profundidade, da substituição dos valores éticos pelo belo, época em que há uma substituição da ética pela estética. Esta era dá o fim de todos os paradigmas que estavam impostos ao homem anterior (Moderno), com a entrada da era pós-moderna o homem se livra das "cordas" que direcionavam a sua vida, paradigmas em que a iluminação da sua mente tinha que seguir ou respeitar.

Como características das fases do pensamento filosófico assim como as outras antes vistas, a era pós-moderna também dita como o pensamento desta época deve reger, assim como veremos a passagem seguinte de Flusser:

Essa nova fase pós-história é marcada pela mudança radical, provocada pela revolução da informática em que não é mas a posse, mas a informação (não mas *software* mas *hardware*) que proporciona poder, não mas a economia mas a comunicação que constitui a infra-estrutura da comunidade e da sociedade (Flusser, apud HANKE, 2015, p.99).

¹ (LYOTARD, 1998, p. 15-16).

Partindo desta nova visão humana, ou melhor das características da nova historia² e uma nova época, podemos inferir e chegar claramente a preocupação dos filósofos da época pós-moderna e dar em conta o nível de reviravolta que parte destes pressupostos.

Há uma substituição ou mesmo troca, daquilo que era o guião que encaminhava a verdade do próprio homem, esta nova visão do mundo encaminha aos filósofos pós-modernos uma nova realidade, novos raciocínios e novas preocupações que condicionam a novas ideologias, a novos princípios que acabaram por exterminar ou descartar aquilo que eram os paradigmas dos filósofos no tempo passado, ou seja na modernidade.

Para o autor Italiano (Vattimo), a tarefa do filósofo da pós-modernidade seria a de distanciar-se desse pensamento que busca o fundamento “forte” ultimo das coisas, algo para que possibilite categorizar, de forma definitiva e inequívoca, os objectos, o homem, o mundo por adequação a essa verdade descoberta. Mas a postura de se afastar criticamente de um pensamento que busque o fundamento deve atentar para o perigo de se instituir noutra fundamento absoluto, o que seria uma mera substituição, trocar uma verdade por outra o que no fundo seria ainda estar preso ao pensamento moderno, visto que só se consideraria um fundamento mais verídico que o outro, mais eficiente e correcto no que diz respeito a adequação ideal (Vattimo, apud RENAUD, s.d, p.3-4).

Vattimo nos propõe uma atitude céptica, cepticismo este que visto na posição de SIM³, que no contesto filosófico considera como *a posição que questiona a possibilidade de haver algum fundamento absoluto para as teorias da verdade ou do conhecimento, ou para a crença.*

Poderíamos nos questionar partindo desses pressupostos, ate que nível céptico possivelmente que nos induzira ao Niilismo, Vattimo quer nos levar? Será que terminaríamos no cepticismo cartesiano? que diz o seguinte:

Existe, porém, uma coisa de que não posso duvidar, mesmo que o demónio queira sempre me enganar. Mesmo que tudo o que penso seja falso, resta a certeza de que eu penso. Nenhum objecto de pensamento resiste à dúvida, mas o próprio ato de duvidar é indubitável (S/A, s/d, p.167).

Este trecho que esta expresso na máxima “*penso, logo existo*” que segundo o qual Descartes nos remete a uma atitude de questionar tudo salvo a nos mesmos, “coisa pensante”. Pois se tem a possibilidade de pensar seria absurdo a sua não existência, presume-se então que existe a priori, ou seja, não pensaria se não existisse. Ou será que Vattimo ainda nos remete a uma

² A nova historia dita não diz respeito a concepção de Vico, que acreditava na liberdade do homem fazer a sua historia mais também iluminado pela providencia divina, ou seja o homem e Deus ambos são activos na construção da historia. Mas sim uma historia só e somente do homem.

³ (2010, p.15-55).

possibilidade céptica de tudo aquilo que existe sem excepção a nada, incluindo a nos próprios, ou seja sermos cépticos ate da nossa própria existência?

Em todos os casos se o raciocínio de Vattimo nos direcciona a uma atitude céptica cartesiana, então os traços ideológicos da era Moderna podem estar transferidos para a era pós-moderna isto por que carregariamos alguns pressupostos de um tempo histórico passado para o actual, que teria como consequência a continuidade do pensamento filosófico moderno ou dos filósofos modernos, embora banidos alguns traços desta mesma filosofia.

Numa outra vertente se Vattimo nos induz ao cepticismo ao “pé da letra” ou seja duvidar ate da nossa própria existência, ai poderemos ousar dizer que estamos desligados do pensamento Moderno, e directa ou indirectamente seremos o que a pós-modernidade quer que sejamos.

Este cepticismo que não tem limite ou nível de questionamento, nos induz ao posicionamento que ate a um certo ponto iremos nos afastar das verdades que firmemente concluíamos e julgávamos saber, independentemente das crenças, isto é, ficaremos na posição em que nada reconheceremos saber, saberemos que não sabemos quase nada que pensávamos saber.

Isto fracassara, ou mesmo banira o nosso pensamento ou conhecimento histórico, científico, cultural, religioso ate mesmo ontológico, pois na separação das ideologias modernas e pós-modernas culminara com o enfraquecimento, cuja no seu nível mais elevado culminara com o desaparecimento do ser tradicional.

VATTIMO (2006, p.19), uma delas e o reconhecimento da ausência de condições transcendentais da possibilidade da experiencia que possam suspender determinados horizontes histórico-culturais, linguísticos.

Existia sempre na história do homem da antiguidade a era moderna o reconhecimento de alguma condição transcendental, com esta proposição que acabamos de referencial há um claro banimento desta condição.

Todas estas visões filosóficas assim como as outras, o ponto primordial ou a preocupação fundamental pretende formas de desfazer, destruir, exterminar os princípios das eras históricas atrás passadas, incluindo a moderna e se incluir algo que seja distinto dos paradigmas a priori seguidos. Vejamos o que Renaud nos diz a respeito disto na seguinte passagem:

Se é possível ainda se falar de “verdade”, a posição que se adopta é da verdade desprendida das pretensões metafísicas, sem ligação científica ou positivista, e sim uma

verdade hermenêutica, estética e retórica, que seja conhecida, criada, elaborada, discutida, aceita, escolhida, e não comprovada ou muito menos dogmática, ou imposta (RENAUD, s.d, p.6).

Considerações finais

Contudo, reflectir sobre a era pós-moderna condiciona a reflexão sobre tudo aquilo que o homem vinha fazendo e procurara, sem criar uma outra condição ou verdade que possamos nos apegar e nos tornar firmes nela, pois Vattimo nos diz que será uma mera substituição a incerteza é o que condicionou a fase pós-moderna e ela caracteriza-se com a falta de princípios paradigmáticos e a ausência de teorias, a falta de “ismos” (*correntes ou teorias*). Esta fase pressupõe a crise transcendental, ou seja, o homem não tem um paradigma que acredite. Também podemos supor no plano de fundo da pós-modernidade a existência de alguns traços do pensamento moderno e a sua dificuldade de separa-lo.

Bibliografia

- HANKE, Michael Manfred. *Pós-Historia e Pós-modernidade: conceito-chaves da filosofia da cultura crítica de Vilem Flusser e a sua análise contemporânea da mídia e das imagens técnicas*, Pontifício, Universidade Católica de São Paulo, Brasil, ed. Galáxia, 2005.
- LYOTARD, Jean-François. *A condição pós-moderna*. Rio de Janeiro, 1998.
- MORAES, Jussara Malafaia. *Pós-modernidade: uma luz que para uns brilha e para outros ofusca no fim do túnel*. Rio de Janeiro, s/ed., 2004.
- OLIVEIRA, Rita de Cassia. *Considerações sobre o niilismo em Nietzsche*, Revista em foco em educação, www.educacaoefilosofia.ucma.br, ISSN, volume 1, p.56-65.
- RENAUD, Vinicius. *Super-cepticismo, Niilismo e o pensamento franco de Gianni Vattimo*. s/ed., s/d.
- S/A. *O Mundo dos Filósofos*, São Paulo, s/ed., s/d.
- SIM, S. *Imperio da crença: Por que precisamos de mais cepticismo e duvida no séc. XXI*, São Paulo, ed., Loyala, 2010.
- TAFURI, Rodrigo. *Liberdade e identidade na era pós-moderna: conflito entre abertura e insegurança*, Universidade Federal de Juiz de fora MG, 2010.
- VATTIMO, G. *El pensamiento débil*, Madrid, ed., Cátedra, 2006.